Conversando com um mestre de varias gerações paraibanas

Uma tarde serena, a velhice do escritor e professor Coriolano de Medeiros — Recordando um passado de trabalho e de glória — Uma lembrança trágica — Bacharelando que não quis ser bacharel — Lamentando um namôro com as Musas — Romance, História, Geografia e Folclóre, a grande obra publicada — A cegueira e a solidão, no Crepúsculo da Vida — Preferências e opiniões do Mestre — A «Receita» do Marechal Floriano

CORREIO DA PARAIBA
1 - 1 - 1955

Reportagem de JOÃO DA VEIGA CABRAL

Quem passa, às horas da manhã, pela nossa velha Rua Nova, hoje Avenida General Osório, raramente deixará de ver, à janela da casa n. cento e setenta e sete, um velho ainda robusto, cabelos brancos, usando óculos de vidros escuros, que ali permanece, por horas perdidas, cabeça baixa, numa atitude de quem medita e escuta ao mesmo tempo. Dos que assim o virem, poucos ignorarão quem seja, porque o simpático ancião é um homem que, pela sua vida e pela sua obra, passou, há muito, a ser do conhecimento de todos, tornando-se espécie de patrimônio público, de um cidadão que é o alvo da admiração e do reconhecimento de tôda uma cidade.

Ali está Coriolano de Medeiros, o escritor, o historiador, o folclorista eminente cujo nome, que é um motivo de orgulho para a cultura paraibana, se projetou, há muito, no plano da cultura nacional. E ali está, antes de tudo, Coriolano de Medeiros, o professor, o grande e bom mestre que pôs o ABC e os conhecimentos humanísticos na cabeça de inúmeras gerações de tabajaras que hoje lhe devem os claros e seguros caminhos que seguiram na vida. Ali está Coriolano de Medeiros, hoje inteiramente cego, a quem 53 anos frente a frente com os livros, com cadernos escolares, com documentos dos arquivos históricos, em infindáveis buscas, roubaram-lhe para sempre a luz dos olhos.

Curvado à janela de sua casa pobre, o grande velho, o mestre insigne escuta, atento, como quem ouve música da mais rara beleza, os ruídos, a palpitação de vida da cidade a que êle tanto amou e ama, dando-lhe, a ela e à sua gente, todo o esfôrço, todo o trabalho de uma vida nobre, fecunda e esclarecida. E, ouvindo, "vê" as coisas e aspectos da sua rua familiar, velhíssima rua em que andou descalça a história da Paraíba e que sintetiza, em si, a antiga e a nova cidade de João Pessoa...

EM CONVERSA COM O MESTRE

O Diretor do CP pedira ao repórter uma entrevista com um grande homem da Paraíba, com o fim de ilustrar e honrar uma das próximas edições do jornal. E o repórter não teve dúvida, dirigindo-se, imediatamente, na manhã de ôntem, à Av General Osório, em busca do romancista de "Manaira".

O professor Coriolano encontrava-se, como de costume, à janela, na "contemplação auditiva" habitual. Àquela hora matinal, a Rua Nova, com as suas acácias em plena floração, era uma paisagem de lapinha Bonita, a mais não poder, a rua matrôna. E o ilustre mestre nos mandou entrar, cordial e prestimoso, depois que, com as nossas saudações, lhe dissemos da missão que ali levávamos.

Na sala, modestamente mobiliada, a conversa que a seguir se desenrolou foi excelente, demonstrando o prof. Coriolano, apesar dos seus 79 anos bem vividos, muita vivacidade, bom humor e a posse de uma memória em pleno funcionamento. E, conversa vai, conversa vem, começou a surgir a história de uma vida...

UMA LEMBRANÇA TRÁGICA

— Nasci — disse-nos o prof. Coriolano de Medeiros — em Várzea de Ovelhas no município de Patos, neste Estado, em 30 de Novembro de 1875, em pleno explendor do reinado de D. Pedro II, cuja memória ainda hoje venero.

— E' monarquista, professor? — interrompemos.

— Seria, se fôsse possível encontrar um outro Pedro II, o que acho impossível, — respondeu-nos. E prosseguiu:

— Tôda a minha infância — como tôda a minha vida — porém, passei-a nesta cidade, Capital do Estado, para onde vim aos dois anos de idade.

Uma sombra de tristeza parece ensombrar a face do mestre. Vê-se que na sua mente trabalha uma recordação que o compunge. E continua, pausadamente:

— Nunca esquecerei a professora com quem aprendi as primeiras letras. Chama-se Cecília Cordeiro e mantinha uma escola particular em Tambiá. Foi uma das criaturas melhores, mais dignas de veneração e, também, uma das mais infelizes que já conheci. Basta dizer-lhe que morreu, tràgicamente, queimada.

— Como, professor? Suicidou-se?

— Nada disso. Ao contrario — explicou-nos o entrevistado — D. Cecília Cordeiro sacrificou a vida ,tentando salvar a de uma suicida, uma senhora residente à Rua do Portinho, que, num gesto de desespero, ateara fôgo às vestes. D. Cecília que casualmente chegava, no momento, tentou extinguir o fôgo, não conseguindo mais do que transmití-lo às suas próprias roupas. E morreu, no dia seguinte, no meio dos mais horríveis sofrimentos.

NÃO QUIS SER BACHAREL

Coriolano de Med[illegible] os seus estudos secundários no antigo Liceu Paraibano. Frequentou, até o Terceiro ano, a Faculdade de Direito do Recife. A uma pergunta nossa, sôbre o motivo por que abandonara aquêles estudos, esclareceu-nos:

— Apesar de achar interessante a carreira de Direito, minhas aspirações de moço levavam-se para a Medicina ou para a escola naval... O destino, porém, quis que eu fôsse professor. E em toda minha vida, mesmo exercendo outras profissões, eu ensinava a quantos comigo desejavam aprender. Mesmo quando, no comércio, trabalhei como caixeiro. Mesmo quando fui agricultor, lavrando a terra de um sítio em Mandacarú. Sempre ensinei, quer quisesse, quer não...

O nosso entrevistado referiu-se, então, à sua atuação na Escola de Aprendizes Artífices, hoje Escola Industrial, em que ingressou como escriturário e acabou dirigindo, no cargo de diretor se aposentando em .. 1940. E concluiu:

— Continuei a ensinar até 1948, encerrando a minha carreira dando aulas, já privado da vista, na Escola Underwood da professora Osmarina Carvalho.

LAMENTANDO UM NAMORO COM AS MUSAS..

— Quando e como iniciou a sua vida literária, professor? — indagamos, após ligeira pausa em que o nosso entrevistado se pôs, silencioso, a reunir e ordenar as suas recordações. E êle:

— Iniciei a minha vida literária, pròpriamente, aí pelo ano de 1900, colaborando nos jornais então existentes na terra. A "União Tipográfica" era um dêles, e circulava por iniciativa e sob a direção dos próprios tipógrafos militantes na cidade, entre os quais se destacavam os de nomes Neves Filho e José Manuel dos Anjos. Um outro era a "Gazeta do Comércio", de que foi diretor, a princípio, Francisco Barroso, vindo depois a ser dirigido pela grande Artur Aquiles.

Mestre Coriolano começa a rir, arrematando êsse episódio de sua vida:

— Publiquei vários contos inicialmente. O conto e a poesia, eram a moda, a mania de todo o estreante daquele tempo. Eu mesmo não pude resistir à sedução das musas. E escrevi também algumas poesias, de que hoje muito me arrependo...

ROMANCE, HISTÓRIA E O MAIS...

E Coriolano de Medeiros continuou, evocativo:

(Conclue na 10a. página)

Conversando com...

conclusão da 11ª pág.

— Desde aquêles tempos da mocidade, porém, já dedicava grande interêsse pelos estudos e pesquisas da História. Cresceu, ainda mais, êsse interêsse, com a fundação do nosso Instituto Histórico, a cuja frente se encontravam homens como Irineu Pinto, Flávio Maroja, Manuel Tavares Cavalcanti, Carlos Alverga, Castro Pinto Seráfico Nóbrega, Xavier Júnior e outros, de que muito se honra, hoje, a Paraíba. Mas, a par dêsses estudos, que absorveram grande parte das minhas atividades, empenhei-me, também, em pesquisas geográficas e folclóricas, e, ainda, na criação de obras de ficção, tendo versado o romance, por mais de uma vez.

— Pode mencionar de memória, em ordem mais ou menos cronológica, os títulos das suas obras publicadas, em todos os gêneros? — foi a nossa seguinte pergunta.

O professor não vacilou em enumerar:

Publiquei, até agora, os seguintes livros: "Do Litoral Ao Sertão", contos; "Os Heróis da Conquista", história; "Mestres Que se Foram", biografias; "O Tesouro da Cega", (drama); "Notas Sôbre Folclóre", ensaios; «O Barração», romance; "Manaíra", romance; e "Dicionário Corográfico da Paraíba", êste, agora, em 2a. edição, mais de trinta anos depois que saiu a 1a.. e, ainda, tenho, atualmente, no prelo da Editora TEONE, "Sampaio", uma coletânea de crônicas da Paraíba de fins do século passado. Com êste último — concluiu — terei por encerrada a minha carreira literária. Escrevi-o a lápis, quando já me encontrava privado da vista.

— E, por que não tenta escrever outros, mesmo assim a lápis, professor? — indagamos.

—Impossível, meu caro — retrucou-nos. Um gesto triste, vagaroso, acentuou as suas palavras: Depois que minha mulher morreu, não tenho mais quem leia para mim o que eu próprio escreví. Como poderei publicar o que não pude corrigir e retocar? Impossível!

OPINIÕES E PREFERÊNCIAS

Um silêncio se segue. O professor medita ou evoca alguma idéia, alguma paisagem perdida. Não há sinais de revolta, de inconformação no seu rosto nobremente sereno, pelas trevas e a solidão com que a vida o vem castigando agora, na tarde de uma existência tôda feita de dedicações e de incessante labor, em pról da sua terra e dos seus semelhantes. A tranquilidade de espírito, a fôrça moral que advêm da consciência do dever cumprido, de uma vida pura e dignamente vivida, lhe proporcionam, ainda, uma interior visão otimista da existência. E o bom-humor e um riso franco pontilham, muitas vezes, a sua conversação. Para encerrar a entrevista, pômo-lo "em confissão", colhendo desta várias de suas opiniões a respeito de assuntos que nos ocorrem, no momento.

Assim, para o Prof. Coriolano, o rádio brasileiro em geral, embora nos apresente alguns bons programas, irradia, em grande parte, "verdadeiras porcarias", "barbaridades" de arrepiar cabelos. Acha o ilustre mestre que devia haver uma autoridade controladora dos programas radiofônicos, afim de escoimar ditos programas de tôdas as asneiras e impurezas que atiram, constantemente, nos ares. O rádio, ao seu ver, deve sacrificar o mau gôsto e a obscenidade em favor da educação do povo.

Os maiores poetas, para mestre Coriolano, são Guerra Junqueiro, Castro Alves e Olegário Mariano. E os maiores escritores, Balzac, Zola, Aloísio de Azevedo e Coêlho Neto. Gosta de música, de ópera, de operêta, e, no gênero popular, do nosso baião. Detesta, porém, o samba, pelo mau gosto de suas letras, de fundo quase sempre obscêno. Rocha Pombo e Irineu Jóffily são os historiadores que merecem o seu maior respeito, o último em virtude de ter sido o fundador da pesquisa histórica e geográfica, na Paraíba. Sôbre a atual geração de escritores e jornalistas paraibanos, não opina o pr[illegible] porque, com a fraqueza da vista que o assaltou e terminou por cegá-lo, há dez anos que não pode entregar-se ao prazer da leitura...

A "RECEITA DE FLORIANO"

Conversando, finalmente, sôbre a feroz e incessante alta dos preços de vida que atualmente nos esmaga, sugeriu o prof. Coriolano que o govêrno brasileiro devia, para uma solução, empregar a "receita do Marechal Floriano". Curioso, perguntamos em que consistia essa "receita". E êle explicou:

— Quando da "Revolta da Armada", no govêrno Floriano, os comerciantes aproveitaram o bloqueio do porto do Rio de Janeiro para subirem escandalosamente os preços das mercadorias. Floriano tabelou os gêneros e o comércio não obedeceu. O "Consolidador da República", então, chamou os negociantes a palácio e lhes advertiu:

— Eu não posso obrigar os srs. a obedecerem à tabela, a serem patriotas. Mas, se não obedecem, mandarei retirar a polícia das ruas e os srs. que liquidem as suas contas com o povo...

— E, a partir dêsse dia — arrematou o nosso entrevistado — os preços deixaram de subir...

CORIOLANO

Gonzaga RODRIGUES

O amigo da casa veio abrir-me a porta depois da décima batida. Era uma casa sem acústica e de muito pouca fala. Deu-me a impressão de que já havia perdido todas as vozes domésticas, sendo mais história, uma ruína sagrada, do que propriamente casa. A porta abriu-se num rangido nostálgico, expressão dolorida de quem se fere e se magoa com a luz intrusa. Lembrei-me das doenças de olhos que não toleram luz e recorrem às mãos como anteparo. Ali, com efeito, a luz abria feridas.

Mandaram sentar-me e pediram que eu esperasse. Sumiram no interior da casa deixando-me em companhia de remotos convivas, como se eu ficasse sozinho a passear os olhos e a memória nos quadros de um museu. Faz cinco anos, mas o recuo foi de cem, a sala, os poucos móveis e a estante envolvendo-me num ambiente que eu lera, que eu conhecera por ouvir dizer, mas que nunca o vivera.

Senti as pernas, apalpei os braços, passei-me um olhar circundante para certificar-me se eu estava sendo eu mesmo ou algum remoto livro de 1840. Acendi um cigarro novo, sem mofo nenhum, mas no trago ingeri uma fumaça de gosto centenário, ressabiada de antiquíssimos conhaques e soprada de páginas amarelecidas, há mais de cem anos repassadas.

Senti-me ícone, um ser de tempo e eras em imóvel convivência com os demais comparsas das paredes. Algo me prendia em vidro e moldura, o olhar parado, a posição póstera.

Só faltei cair e quebrar-me quando surgiu um rapaz e mandou que eu entrasse até ao quarto. Ele estava me esperando.

Cabeça baixa, uma grande cabeça de cabelos curtos, não sei porque lembrando-me Capistrano. Já era um quadro, uma fotografia de homem ilustre, na posição e no estado em que me recebeu.

Não via, mas ao contrário da casa, sugeria uma profusão de luzes.

- Você também é dos pretos?

- Sou, sim.

Falou-me ríspido, o tom repreensivo, como se a cor implicasse numa incriminação.

- Esses pretos são desabusados.

E lembrou Elizeu Cesar, valendo-se dele para dizer que as letras da Paraiba eram quase todas feitas de pretos. "Tudo aqui tem sido obra de preto". E repassou outros.

Falou-me da sua solidão, mas sem lamentos. O pior, no que pude pressentir, era a casa sem rastros domésticos. Sem arrastados de sandálias nem solfejos femininos.

Fui perguntar e terminei respondendo:

- Como vai o mundo lá fora? - indagou-me de uma distância de quem já não era mais deste mundo.

- Não vai melhor do que aqui dentro - respondi-lhe.

Foi a última vez que vi Coriolano.

CORIOLANO DE MEDEIROS

Octacílio Nóbrega de Queiroz

No final da tarde de anteontem, fomos todos, éramos uns trinta, além dos representantes da família e do governo, do Reitor e do Prefeito da Cidade, levar o morto - ilustre e esquecido que era Coriolano de Medeiros à última e definitiva morada. Silenciosos, vestidos em nossas roupas cinzas ou escuras, parecíamos humilhados ante a grandeza de vida daquele que passava ao reino das sombras e a ausência ali de um povo que ele amara e, por tantos e tantos anos, engrandecera pelo exemplo, por seu trabalho intelectual, pela dedicação às suas origens e à sua História.

Deusdedith Leitão e Humberto Nóbrega, ao início do enterro, impuseram-nos a obrigação de falar à beira de seu túmulo.

Quase que não estávamos em condições. A oratoria, depois da radiofonia, a propaganda comercial, os discursos políticos e demagógicos desta fase opaca da vida nacional, constitui talvez um dos piores castigos que se possa impingir aos ouvidos dos pobres mortais neste "florão da América".

Positivamente, aquela seria a hora de grandes silêncios, dos que falam mais alto do que qualquer eloquência.

Mas, era a rotina que se teria de cumprir. O Inst. Hist. e Geog. Paraibano tinha que impôr a marca de homenagem e de saudade a um dos mais nobres espíritos, que o fundaram, há setenta anos, e deram-lhe das mais valiosas contribuições.

Ao fúnebre caminho, pensávamos em Homero, em Milton, em Borges, nos imenos nomes de olhos apagados da Literatura Mundial. Ou, por outra, face ao quase século de sua nobre existência, acudia-nos ainda outros nomes de Toltstoi, de Whitmann, de Picasso, de não sabemos quantos gênios centenários universais. Era uma quase ridícula ou desnecessária infusão de pobres leituras nossas, um exibicionismo, talvez falso, à grande hora em que o corpo daquele provinciano modesto, mas dos maiores de sua terra, baixava ao sepulcro.

Contudo, engrolamos umas tantas frases, depois que Luiz Pinto representara comovido a Academia Paraibana de Letras.

De início, dissemos que não podíamos nem devíamos arrebentar em prantos. O próprio Coriolano, pelo estoicismo de sua vida, não aceitaria o rumor de carpideiras. Com vida, poderia até, à imitação do filósofo grego, mandar que todos evitassem o pranto ressoante para lhes dizer que entrava para a eternidade com a segurança socratiana de que soubera nobremente viver e que, disso, deixava legenda imperecível. A morte, no momento, era o passo natural e humano e que, por isso, iria encontrar, decerto, a revelação daquelas verdades por que por ela também tanto ansiava o espírito luminoso de Renan, "as verdades que dominam a morte, que proibem ao homem que a tema e quase o fazem desejá-la".

Não citamos, assim, nomes. Estávamos com um terror, pânico de repetir frases feitas, deixar soltas banalidades de retórica em hora de tal gravidade. Apenas o gênio de Montaigne nos fez roubar a paciência dos circunstantes. - Pois, meus amigos, dissemos, - deixa-nos para sempre este morto, que aqui está, mas que nos faz compreender a lição montaigneana de que "há mais elevação em amar as cousas comuns do que as eminentes, que grande é tudo que é suficiente, que não há ciência mais árdua do que a de saber viver e de que tudo que se ajusta à natureza é digno".

Daí partimos para dizer que estávamos em presença de um século da História da Paraíba, de um nobre espírito, que sempre a amou e a enalteceu por todas as horas de vicissitudes, de heroismo, de sofrimento ou grandeza, sem nunca fugir daqui, mesmo depois que se apagaram os seus olhos, há quarenta anos. Heróica resignação sem desespero nem extremas lamentações. Sertanejo de Patos, com raízes seculares vindas de velhas famílias dali, onde nasceu, no perdido recanto de Chã das Ovelhas, nunca lhe faltaria essa marca de caráter resistentes à desgraça ou ao infortúnio.

Se fora o professor dedicado de várias gerações, um dos fundadores do IHGP, jornalista, pesquisador ímpar de nosso passado, novelista, fundador da Academia de Letras da Paraíba, citado pelas maiores autoridades de historiógrafos brasileiros, garimpeiro intrépido de nossas obscuras fontes da formação histórica e étnica, decifrador de topônimos, andarilho de todas as regiões paraibanas, cidades, vilas povoações, serras e rios, em busca de suas raízes e de seu passado, ainda maior nos parece agora a sua nobre vida, quando a sentíamos, faz pouco, a braços com a cegueira, tendo o espírito curiosamente lúcido até ao apagar da chama de vida, neste final de quase cem anos de existência.

Com estas palvras, concluimos, prestava-lhe o velho Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba a justa e devida homenagem.